

**O ACUSATIVO LATINO VULGAR:
UMA VISÃO DIACRÔNICA
SOBRE A FORMAÇÃO DAS PALAVRAS PORTUGUESAS**

Luiz Gomes de Oliveira Neto (UECE; UCAM)

luizjucas@hotmail.com

RESUMO

Neste artigo expomos primeiramente sobre o latim como sendo evolução de uma língua primitiva a qual os linguistas denominam indo-europeia. À luz dessa teoria evolutiva das línguas, comentamos que tanto o português como as outras línguas românicas evoluíram de um latim falado, não escrito como Silvio Elia (1979) salienta. Baseando-se em Marcos Bagno (2007) em capítulo sobre a fonética histórica e a partir de sua exposição sobre os metaplasmos, este trabalho tem como objetivo demonstrar vários fenômenos evolutivos que ocorreram nas palavras latinas bem como discorrer sobre o acusativo latino vulgar e a sua preponderância no léxico português. Explicamos, por fim, a partir dos conhecimentos expostos, os processos pelos quais alguns vocábulos do acusativo latino passaram até se tornarem vocábulos portugueses. Assim esperamos contribuir para as pesquisas e estudos sobre essa temática ora esquecida nos meios universitários.

Palavras-chave: Acusativo. Metaplasmos. Diacronia.

1. Introdução

Apesar de todo o limbo que os estudos clássicos sofrem pela universidade moderna, a língua latina ainda hoje fascina a todos aqueles, amantes da cultura romana, e que procuram, através do seu estudo, compreender os textos literários e o *modus vivendi* dos filhos de Marte¹¹². Entende-se atualmente que a língua latina bem como o grego e outras tantas línguas europeias, devido à grande similaridade entre si, sejam a evolução de uma língua patriarcal de um povo chamado pelos linguistas de indo-europeu que tenha vivido e se espalhado pela Europa e parte da Ásia a cerca de sete mil anos. Rodrigo Tadeu Gonçalves em sua obra *Língua Latina* (2010) assim assinala:

Ao longo principalmente do século XVIII, estudiosos europeus interessados em várias línguas e culturas começaram a perceber similaridades muito claras entre palavras de línguas que já se sabia serem aparentadas, como o grego e o latim, e línguas de regiões muito afastadas da Europa Ocidental,

¹¹² Segundo a lenda, os gêmeos Rômulo e Remo são filhos da vestal Reia Silva e de Marte, deus da guerra. Rômulo constrói os fundamentos do grande império que se tornaria Roma.

como o sânscrito, língua sagrada da civilização dos vedas, da Índia. (GONÇALVES, 2010, p. 12)

A língua latina, portanto, como qualquer outra, evoluiu e se transformou em diversas línguas as quais hoje são faladas na Europa e em diversas partes do globo terrestre. Porém, devemos compreender que a língua portuguesa, como as demais românicas, originou-se do latim vulgar, modalidade inculta da língua, falada pela plebe que se constituía por comerciantes, soldados, cortesãos e demais cidadãos do *vulgus*. Também chamado de *sermo vulgaris*, essa modalidade da língua para Theodoro Henrique Maurer Jr (1962) é a falada pelas classes mais baixas da população e, se havia constituído numa espécie de *koiné* da massa popular. Sílvio Elia em *Preparação à Linguística Românica* (1979) admoesta que

[...] as línguas neolatinas não continuam o latim que se ensina nas escolas, o chamado latim clássico, de natureza literária, e sim uma variante desse latim, falado e não escrito, que se costuma denominar *latim vulgar*. Ora, o *latim vulgar*, exatamente por ser falado, somente pode ser conhecido indiretamente e é na verdade um produto do método histórico-comparativo [...]. (ELIA, 1979, p. 3)

O filólogo carioca, na mesma obra, ainda explicita:

Era o latim vulgar língua falada, não escrita. Língua da conversação diária, praticada por pessoas pertencentes a várias classes sociais, mas sem qualquer intenção que não fosse a de intercâmbio de indivíduo a indivíduo, por sua natureza refugia à fixação pela escrita, indispensável apenas quando se trata da perpetuação de obras literárias ou da preservação de textos, como os das leis, que se impõem ao conhecimento de uma coletividade. (*Idem, ibidem*, p. 26).

Sendo o latim vulgar, língua de comunicação, por isso dinâmica e mais aberta às influências de outras línguas de substrato e superstrato¹¹³, e devido também à extensão do Império Romano e à ocupação dos romanos em diferentes períodos da história. Portanto, dessa modalidade de língua flexível, falada pela plebe, pelos soldados, prostitutas, comerciantes das várias partes do Império, tem-se hoje, além do português, o espanhol, o italiano, o francês, o franco-provençal, o rético, o catalão, o sardo, o provençal, o romeno e o dalmático.

No tocante à língua portuguesa, Marcos Bagno (2007) aponta que:

¹¹³ Substrato linguístico *grosso modo* é quando o conquistador assimila certos traços da língua do conquistado. Superstrato linguístico, por sua vez, é quando a língua desaparecida do conquistador deixa marcas de seus hábitos na língua do povo conquistado.

Os complexos desenvolvimentos históricos por que passou a região que viria a se constituir no estado independente chamado Portugal estão bem refletidos na composição heterogênea do *léxico* da língua portuguesa. Evidentemente, por ser o português uma língua *românica*, seu *léxico* é na essência de origem *latina*, de modo que o latim constitui o *estrato* principal do seu vocabulário. (BAGNO, 2007, p. 50)

Evidentemente que nem todas as palavras da língua portuguesa são latinas. Algumas delas provieram por meio do substrato ibérico, tais como: bizarro, bezerro¹¹⁴; outras de substrato céltico: camisa, cabana. Do superstrato germânico provieram: guerra, trégua. Outras dos superstratos árabes, povo que permaneceu na Península Ibérica por mais de sete séculos, vocábulos como algodão, açúcar; e por muitos outros empréstimos linguísticos: chapéu, filme¹¹⁵.

2. O acusativo latino: caso lexicogênico do português

Natural seria também que os povos das várias regiões ocupadas pelos romanos, os quais falavam diversas línguas indígenas, ao contato com o latim imposto pelos conquistadores, assimilassem a língua de diferentes modos. Eduardo Carlos Pereira (1935) ratifica que:

A evolução fonética opera-se por uma modificação espontânea e inconsciente dos fonemas vocabulares, sob o influxo do meio ou das aptidões variáveis do aparelho de fonação. Deste modo, os vocabulos latinos foram-se transformando, na bocca do povo e das gerações, sem intervenção da vontade humana [...]. (PEREIRA, 1935, p. 43)

Sobre o *léxico* das palavras portuguesas analisaremos a sua formação a partir das palavras latinas do caso lexicogênico, ou seja, o acusativo, caso latino de onde provieram a maioria das palavras, não somente as do português, como também as do espanhol. Em obra já citada Marcos Bagno comentando sobre a redução dos casos latinos, assim reitera:

O resultado dessas reduções foi que apenas dois casos restaram no latim vulgar: o *nominativo* e o *acusativo*, ou seja, um *caso reto* (sujeito) e um *caso oblíquo* (complementos). Depois dessa redução, as funções que eram inerentes aos outros casos foram exercidas pelo acusativo com preposição. Desse modo, coube ao acusativo precedido de *de* e *ad* a expressão do genitivo e do dativo; e regido pelas preposições *de*, *per* e *cum*, a expressão do ablativo. Na Península Ibérica, o acusativo e o nominativo se fundiram, com predominância do acusa-

¹¹⁴ Marcos Bagno (2007) em *op. cit.* salienta que esses vocábulos são de origem discutível, embora, em sua maioria, devam ser provenientes do basco.

¹¹⁵ Do francês e do inglês, respectivamente.

tivo. Daí se dizer que o acusativo, em português (e em espanhol) é o *caso lexicogênico*, ou seja, é da forma que as palavras tinham neste caso sintático que se originou o léxico dessas línguas. (BAGNO, 2007, p. 29)

Partindo de conhecimentos acerca dos metaplasmos, que são mudanças ocorridas na estrutura da palavra, mostraremos as transformações por que as palavras latinas sofreram até às palavras portuguesas. Essas mudanças podem ocorrer por acréscimo de um segmento sonoro no início da palavra, chamado de prótese, como em *spiritu* > espírito¹¹⁶; por acréscimo no meio da palavra (epêntese): *stella* > estrela¹¹⁷; por acréscimo no fim da palavra (epítese): *ante* > antes. As transformações também podem ocorrer por meio de supressão. Quando a supressão se dá no começo da palavra, chamamos aférese: *episcopu* > bispo; quando no meio da palavra (síncope): *malu* > mau; e quando no fim (apócope): *male* > mal. Além destes, há os metaplasmos por transposição. Quando o segmento sonoro ocorre na mesma sílaba, temos a metátese: *pro* > por. Se em sílaba diferente ocorre a hipêrtese: *capiu* > caibo. O hiperbalismo, por sua vez, é o deslocamento do acento tônico: *idólu* > ídolo, *integu* > inteiro¹¹⁸. Entre os metaplasmos por transformação destacaremos a vocalização e a sonorização. Na primeira, um som consonantal é transformado em vocálico: *nocte* > noite; *regnu* > reino. Na segunda uma consoante surda se transforma em sua sonora homorgânica. Sobre esse assunto Marcos Bagno (2007) confirma:

A sonorização (ou *abrandamento*) é a transformação de uma consoante surda na consoante sonora homorgânica. As consoantes latinas /p, t, k, f, s/ quando mediais intervocálicas se sonorizaram regularmente em português em /b, d, g, v, z/: *lupu* > lobo; *uita* > vida; *caecu* > cego; *profectu* > proveito; *acutu* > agudo; *acetu* > azedo; *vicinu*; vizinho.

Também ocorreu o *abrandamento* /b/ > /v/, classificado de *degeneração*: *rabia-* > raiva; *rubeu-* > ruivo; *arbore* > árvore. (BAGNO, 2007, p. 11)

Todo esse cabedal teórico, extraído mormente de Marcos Bagno (2007), ser-nos-á de grande aproveitamento para explicarmos cientificamente os processos ocorridos nas transformações dos vocábulos latinos em portugueses.

¹¹⁶ Observemos que a primeira forma é do caso acusativo latino já com a queda (apócope) do -m final, fenômeno esse ocorrido há muito no próprio latim vulgar. A segunda forma é a escrita atual da palavra em português.

¹¹⁷ Notemos nessa palavra que houve além da epêntese a prótese (Vide *spiritu* > espírito).

¹¹⁸ No primeiro vocábulo ocorreu a sístole que acontece quando o acento tônico recua para a sílaba anterior. No segundo ocorreu a diástole já que o acento tônico recuou para a posterior.

No latim clássico, devido à terminação dos nomes, estes se dividiam em cinco declinações. O que identificava a qual declinação o nome pertencia era a desinência do genitivo singular. Baseados na *Gramática de Latim* de Leo Stock (2000) e na *Gramática Latina* de Napoleão Mendes de Almeida (2000), coletamos alguns vocábulos para utilizarmos como *corpus* a fim do desenvolvimento da pesquisa¹¹⁹: *stella, stellae; lupus, lupi; libertas, libertatis; passus, passus; luxuries, luxurie*¹²⁰. Por ser o latim uma língua sintética visto que exprimia as funções sintáticas através das desinências justapostas ao nome substantivo e adjetivo, uma palavra podia apresentar várias formas diferentes, a depender do caso, ou seja, da função sintática que ela exercesse na frase. Havia, além do nominativo e do genitivo, acima mencionados, os casos: vocativo, caso do apelo; o dativo, que exercia a função de objeto indireto; o ablativo, caso do adjunto circunstancial; e o acusativo, caso do objeto direto¹²¹. No latim vulgar, como comenta Silvio Elia (1979) além da redução das declinações, as quais passaram a somente três, houve também a diminuição dos casos os quais podiam ser reduzidos a apenas dois: o do caso reto que compreendia o nominativo e o vocativo e o do oblíquo para os demais casos. Embora algumas línguas como o italiano e o romeno formem o seu léxico de palavras oriundas do nominativo latino, o acusativo, porém, acabou por suplantá-lo nas línguas românicas.

Ismael de Lima Coutinho (1954) comentando sobre os casos lexicogênicos assim confirma:

(...) em certas regiões, prevaleceu o nominativo, em outras o acusativo. O primeiro se manteve no romeno, no italiano, no provençal, francês antigo, rético e o segundo se conservou nas línguas românicas, na qual não se verificara a queda do S final, como no português e no espanhol, por exemplo: *vitas* – vida; *libros* – livros. (COUTINHO, 1954, p. 237)

Dos paradigmas apresentados acima, ocorreram as seguintes transformações nos vocábulos latinos até evoluir aos atuais portugueses. A desinência *m*, característica do acusativo singular, se perdeu cedo no

¹¹⁹ A primeira palavra dada está no caso nominativo singular (sujeito) a segunda no genitivo singular (adjunto adnominal restritivo).

¹²⁰ Nos dicionários latim-português geralmente aparece a forma completa do nominativo e somente a desinência do genitivo singular: *stella, ae*. A tradução desses vocábulos é respectivamente: estrela, lobo, liberdade, passo e luxúria.

¹²¹ Notemos que os casos dativo, genitivo e acusativo podiam exercer outras funções sintáticas. O acusativo, por exemplo, é o caso principal do infinitivo com acusativo como em: *Paulus Deum unum dicere* (Paulo diz que Deus é bom).

latim. Logo, os étimos de estrela, lobo, gênero, passo e luxúria são, respectivamente: *stella*, *lupu*, *libertate*, *passu* e *luxúria*¹²². Em *stella* houve a prótese de um *e* no início e a epêntese de um *r* no meio da palavra. Em *lupu* ocorreu a transformação da consoante surda *p* em sua homorgânica sonora *b*. Neste, como em *passu*, ocorreu a transformação do *u* átono em um *o* também com a mesma intensidade¹²³. Em *libertate* as duas consoantes surdas que iniciam as duas últimas sílabas se transformaram em sonoras (*t* > *d*).

No tocante ao plural, as palavras portuguesas fazem o plural em sua maioria com *s*, desinência do acusativo plural latino. Essa desinência, diferentemente da do acusativo singular, não caiu no latim vulgar nem nas línguas românicas que tem o acusativo como caso gerador das palavras do seu vernáculo. Eis o plural das palavras supracitadas, tanto em acusativo plural latino como em português: *stellas* > estrelas; *lupos* > lobos; *libertates* > liberdades; *passos* > passos¹²⁴; *luxurias* > luxúrias¹²⁵.

Marcos Bagno (2007) ainda destaca que mesmo o acusativo latino sendo o caso lexicogênico da língua portuguesa, algumas palavras provieram de outros casos. Do nominativo alguns nomes próprios como Deus e Cícero; nomes eruditos: sóror, virgo; pronomes pessoais do caso reto e os demonstrativos: este, esse e aquele. Do genitivo, palavras compostas eruditas como aqueduto (*aquae* + *duto*). Do dativo, a palavra crucifixo (*cruci* + *fixu*) e alguns pronomes. Do ablativo poucos como o advérbio agora (*hac* + *hora*).

3. Conclusão

Neste artigo nos propomos a realizar uma análise diacrônica sobre a transformação das palavras do latim vulgar em vocábulos portugueses. Consultamos algumas obras que tratavam desse assunto e destas coleta-

¹²² No latim vulgar os nomes da quarta declinação se fundiram com os da segunda devido à similaridade e os da quinta se dividiram entre os da primeira e os da terceira. Sendo assim, o vocábulo português luxúria vem de *luxuria*, acusativo singular da primeira declinação sem a partícula *m*. No próprio latim clássico encontramos *luxuries*, *ei* ao lado de *luxuria*, *ae*.

¹²³ Em *lupu*, foi dupla a transformação de *u* para *o* (*lupu* > lobo).

¹²⁴ Como dissemos no latim vulgar as palavras da quarta declinação passaram para as da segunda; daí o plural em *os*.

¹²⁵ Em *lupu*, foi dupla a transformação de *u* para *o* (*lupu* > lobo).

mos material para usarmos em nossas pesquisas. Esse material compreendia além dos estudos sobre as espécies e subespécies dos metaplasmos, também palavras com as quais trabalhamos o fenômeno da evolução histórica da língua.

A partir do conhecimento exposto sobre as transformações fonéticas, utilizamos também de outras obras para extrair vocábulos latinos a fim de explicar a sua evolução a partir do acusativo latino vulgar.

Percebemos através de nosso trabalho o quão valioso é, não somente o conhecimento da língua primitiva, mas também, o das fases que o vocábulo passa até chegar a ser o padrão de uma língua nacional. Notamos ainda a importância do latim para o conhecimento da língua portuguesa, já que esta, à luz da linguística evolutiva, é um prolongamento da língua do Lácio.

Inferimos a partir desta perspectiva que os estudos das especificidades da língua latina ainda têm suma importância para todos aqueles que querem ter um conhecimento mais aprofundado da língua portuguesa bem como de suas irmãs e daquelas que beberam da sua fonte, tais como o inglês.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática latina*: curso único e completo. 29. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

BAGNO, Marcos. *Gramática histórica do latim ao português brasileiro*. Textos compilados, condensados e anexados. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1954.

ELIA, Silvio. *Preparação à linguística românica*. 2 ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1979.

GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. *Língua latina*. Curitiba: IESDE Brasil SA, 2010.

MAURER Jr., Theodoro Henrique. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica histórica*. 9. ed. São Paulo: Nacional, 1935. Disponível em:

<<http://www.iel.unicamp.br/biblioteca/gramatica.php>>. Acesso em: 20-01-2017.

STOCK, Leo. *Gramática de latim*. Trad.: António Moniz e Maria Celeste Moniz. Lisboa: Presença, 2000.